

**A PAREDE BRANCA DA CATEDRAL FICOU E O TRONO RUIU
– REPRESENTAÇÕES DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA
NAS CRÔNICAS DE RAUL POMPEIA E OLAVO BILAC**

Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro (UCGO)

mariarosacavalcante@gmail.com

Marina Haizenreder Ertzogue (UCGO)

marina@mail.uft.edu.br

Raul Pompeia escreveu grande quantidade de crônicas para os jornais. Inicia como cronista em 1885 na *Gazeta da Tarde* do Rio de Janeiro. Em 1888 passa a escrever para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Entre 1889 e 1890, escreve para *O Farol*, de Juiz de Fora. De 1890 a 1893, criou crônicas para *O Estado de São Paulo*. No *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, atuou de 1889 a 1892. Sua produção cronística é a mais volumosa da sua obra. Para redigir as crônicas, selecionava episódios ligados à política, aos costumes ou ao cotidiano. A apresentação de apreciações diretas distingue suas crônicas, contaminadas pelo envolvimento do autor com os temas dos episódios escolhidos. Suas crônicas apresentam um panorama complexo e crítico do nascimento da República. Apresentaremos um quadro detalhado das representações da República fixadas por Raul Pompeia e por Olavo Bilac, suas tipologias de focalização e temáticas, e comentaremos a trajetória deles após a Proclamação da República. Eles foram expectadores da Proclamação da República e atores sociais na campanha republicana. Em 1889, estavam no mesmo lado e, engajados nas trincheiras da imprensa, fundaram com Pardal Mallet e Luiz Murat o jornal republicano *A Rua* (1889). Entre 1892-1893, na oposição ao governo Marechal Floriano, Olavo Bilac, redator de *O Combate*, foi preso e levado para a fortaleza de Lajes, quando Raul Pompeia era ardoroso florianista. “Do alto dessa parede sagrada o relógio fiel viu, cá embaixo, como um mar agitado, o motim republicano. Que era aquilo? [...] a que iam aqueles magotes de demagogos dando vivas a Deodoro?” (BILAC, 1901).